

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

UM DIÁLOGO ENTRE A BELEZA
AMERICANA E VIOLÊNCIA, DE
JOÃO MELO

Suzana Raquel Bisognin Zanon
Mestre em Letras – URI

**A DIALOG BETWEEN *A BELEZA AMERICANA* AND
VIOLÊNCIA, BY JOÃO MELO**

RESUMO: O presente trabalho apresenta como principal objetivo estabelecer um diálogo entre dois contos da coletânea **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida**, publicado em 2007, pelo escritor angolano João Melo: **Violência** e **A beleza americana**. Ambos os textos enfocam a temática do mundo pós-moderno e globalizado, engajado sob o pano de fundo da violência manifesta através das identidades fragmentadas e renunciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Pós-colonialismo. Pós-Modernidade. Violência.

ABSTRACT: The present work presents as main objective establishing a dialog between two tales from the collectanea **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida**, published in 2007, by the Angolan writer João Melo: **Violência** and **A beleza americana**. Both texts focus the thematic about the post-modern and globalized world, engaged about the background of violence which manifests through fragmented and renounced identities.

KEYWORDS: Globalization. Post-colonialism. Post-modernity. Violence.

A intensidade com que a colonização tem atingido os nativos das comunidades africanas tem sido de tamanha profundidade, que os resquícios deixados na vida social, comunitária, política e interior desses indivíduos não são nada visionários, mas sim, verídicos. Com isso, as (re)leituras que fizemos do passado africano se tornam tão claras, em seu sentido desumano, em virtude dos conflitos bélicos, quanto às dos textos dispostos a reconstruí-lo.

Sobressai, sob esta temática, o fato de que as literaturas africanas de expressão portuguesa contemplam vozes que refletem uma independência, seja ela em seu contexto expressivo de “verdades” dos fatos históricos marcantes, como o período colonial, ou mesmo, na linguagem marcada por sua originalidade que se manifesta através de uma consciência africana emergente nos textos literários. Sobre o percurso de formação desta literatura, Rejane Gehlen, em seus estudos, ressalta que *a consciência da africanidade, marcada pela contestação ao etnocentrismo e a atitude de recusa à dominação colonial, é um passo significativo na direção da autonomia literária* (GEHLEN, 2010, p. 59).

A *pós-colonialidade*¹ tem firmado uma gama significativa de estudos e críticas em torno da teoria que envolve as investigações em torno do período colonial e, respectivamente, enquanto ex-colônias das nações européias. Sob esse viés, destacamos a linha de pensamento de Roger Samuel (2002) sobre esta temática e seus possíveis desdobramentos. O estudioso ressalta ser esta teoria um “(re)visitar” à cultura das ex-colônias dos impérios e suas relações com o mundo contemporâneo. Assim sendo, Samuel expressa seu pensamento sobre a teoria pós-colonial: *Seus autores questionam os efeitos “saudáveis” do império e o aumento que tais*

declarações omitem do racismo e da exploração. Seu tema central é a condição colonial, ou pós-colonial (SAMUEL, 2002. p.140).

Passando dos pressupostos teóricos em torno da investigação sobre resquícios deixados pela colonização, Stuart Hall (2003) prolonga em estudo canalizado em direção às narrativas, as quais se situam dentro do enfoque do tema em voga. Desta forma, Hall envereda seu pensamento à reencenação da fase colonial e pós-colonial nos textos que primam ser esses fenômenos historicamente considerados como eventos de ruptura social e cultural em virtude do domínio extremado pela parte dos impérios. O teórico jamaicano, desta forma, crê que a colonização e a condição hegemônica imperial constitui as facetas de uma modernidade européia capitalista.

A partir destas considerações é, que nativos de regiões africanas colonizadas como Moçambique e Angola tiveram, de certa forma, de “mergulhar” em uma dimensão de desintegração tanto moral e identitária, quanto social e cultural, caracterizados pelas imposições de padrões de uma nova cultura e civilização em formação. Afora isso, a questão da identidade e do racismo instituído, devido à cor negra, é o que os leva a uma ótica marginalizada, nunca deixaram de se fazer presentes neste circuito de relações, tanto na modernidade quanto na pós-modernidade.

No livro **Identidade cultural na pós-modernidade** (2005), Hall embasa seu estudo na questão da identidade no tempo pós-moderno, sendo ela influenciada pela globalização e o capitalismo irrefreável, elementos que contribuem para a fragmentação do sujeito que se desintegra entremeio às oscilações de um tempo em movimento e das fases conflituosas, nas quais esses indivíduos se concentram. Segundo o estudioso, *as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o*

¹ Utilizar-se-á o termo *pós-colonialidade* para assinalar o tempo posterior à colonização européia nos países africanos.

mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2005, p.07).

Trilhando nosso caminho, trazemos aqui, dois textos: **A beleza americana e Violência**, ambos da coletânea de contos do escritor angolano, João Melo, **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida**, publicado em 2007. Os contos em questão são capazes de estabelecer relações, oriundas da doutrina sistêmica de Melo, ou seja, de eleger em sua escrita, a forma satírica e inovadora, desenhada pelo diálogo com o leitor e a surpresa inimaginável no desfecho dos contos da obra em voga. Embora esses sejam alguns dos fatores que desencadeiam o diálogo entre as narrativas, o racismo, violência e os efeitos causados pela colonização e globalização, encontram-se, constantemente, em realce.

André Luis Mitidieri, professor Universitário, ao eleger os contos da coletânea de João Melo, aqui em destaque, como foco de seu estudo intitulado **Comer a marreca e pagar o pato: narrativas angolanas de João Melo** (2009) enaltece o hibridismo cultural como cerne do estudo em voga, dando respaldo à caracterização da literatura angolana, enquanto possível de receber o desígnio de pós-moderna, ao dizer que

A observação trazida em uma das folhas de rosto da obra literária de Melo – “18 histórias quase pós-modernas” – dá continuidade às trocas interculturais estabelecidas pelo ato de nomear, traduzir e classificar. Se a palavra “quase” não autentica o pós-moderno da literatura angolana, tampouco o desautoriza (MITIDIERI, 2009, p. 59).

Ao debruçarmo-nos sob essas considerações de Mitidieri, observemos pois, o realce enveredado à narrativa de Melo enquanto, metaforicamente, impedida de ser caracterizada como pós-moderna .

Assim sendo, como ponto de partida, elegemos, primeiramente, o enredo presente em **Violência**. Este conto apresenta duas personagens: a luandense, Dona Magui, uma senhora de seus quase cinqüenta anos, e Sandrinha, sua afilhada, órfã de mãe. A narrativa apresenta como mote central a violência e, principalmente, o medo de que ela se refestelasse na vida de Dona Magui. Residindo num dos bairros baixos de Luanda e vistos como perigosos, caracterizado pela marginalidade e prostituição, a protagonista passa a não mais sair de seu apartamento, fato que causa a curiosidade nos vizinhos. Saía apenas, disfarçada com uma peruca loira para não ser reconhecida pelos moradores do bairro. João Melo endossa esse texto ao considerar a globalização isentana vida da protagonista, Magui, e demais idiosincrasias que refletem o diálogo dos dois contos em análise.

N’**A beleza americana** temos como protagonista Dona Augusta, uma anciã angolana, que migra para os Estados Unidos no intuito de não permanecer sozinha em Angola e, principalmente, acompanhar o filho, *um preto natural do Kuanza Sul, de mãe umbundu e pai kimbundu* (MELO, 2007, p. 71) casado com Clarinha, *uma branca angolana natural da Chibia* (Id.Ibid. p. 71). Dona Augusta, mais obrigada, do que orientada a aprender a falar inglês pela vontade do filho, recusa-se a abdicar da língua nativa em terras estrangeiras. Miss Jennifer, professora contratada pelo filho de Dona Augusta para ministrar-lhe aulas particulares, reflete o seu comportamento de natureza americana, fruto de situações que revelam o racismo e preconceito com estrangeiros, principalmente com negros. Os dois contos revelam o questionamento do autor diante ao processo de globalização e sua dimensão contextual, ou seja, o consumismo extremado da tecnologia em constante avanço, juntamente ao racismo e discriminação que o acompanham. Vejamos como isso se cristaliza, às vistas do leitor, nos textos que aqui trazemos.

Em **Violência** Dona Magui adquire uma caracterização anti-moderna, poderíamos dizer, fator que faz com que o texto assuma um pano de fundo preconceituoso a respeito de ser ou não uma pessoa globalizada: *Dona Magui estava longe de ser uma cidadã, digamos assim, globalizada, pois viajava pouco, não tinha parabólica e não consultava a internet, mas tinha a leve sensação de que o mundo estava cada vez mais inseguro e perigoso* (MELO, 2007, p. 43). Diante do exposto, vemos que a narrativa se envereda, desde o início, a um perigo virtual, um possível risco que se corre ao não estar distante da conjuntura global, oriundo da modernidade e modernização. Pode-se ser cidadão ao passo que se é um ser humano globalizado, que acompanha o “frescor” da tecnologia e de seu desenvolvimento.

Por outro lado, em **A beleza americana**, Melo, de certa forma, vale-se de uma linguagem sarcástica e irônica, ou seja, só se é “boa gente” se vai para terras americanas. Vejamos: *Dona Augusta tinha ido para a América – como muita boa gente [...] – há um ano, mas, ao contrário de muita boa gente, igualmente boa, não fora em busca do paraíso prometido pela Grande Maçã* (MELO, 2007, p. 69). Metaforicamente, ao utilizar-se do termo “paraíso prometido pela Grande Maçã” o autor endossa uma concepção crítica na tangente identificatória do indivíduo ao mesmo tempo em que nos põe à vista a esperança humana de fugir de uma realidade difícil, através do ato migratório que arrola nas comunidades de origem africana. Ainda, neste íterim, ao falar sobre os guardas privados na cidade de Luanda, em **Violência**, o escritor angolano ressalta estar a ideologia capitalista e globalizada em irrefreável crescimento. Segundo o conto, *isso poderia ser visto meramente como um modismo social típico no novo-riquismo que, de súbito, brotava na paisagem nacional como uma espécie de erva daninha* (MELO, 2007, p. 46).

A intertextualidade generalizada nos textos torna-se claro principalmente desde o título **A beleza americana**. Inaugurado no cinema norte-americano, o filme **Beleza americana** (1999) deu vida a um enredo no qual os tempos modernos e a necessidade de a população andar em compasso com o consumismo e aparências, fossem elas físicas, comportamentais ou conjugais seriam determinantes para ser, de fato, considerado americano. O que nos ocorre é, que Dona Augusta, para ser considerada agora uma americana, deveria falar inglês e se comportar como tal. Da mesma forma como Dona Magui não saía de casa, mas por motivos dessemelhantes, Augusta recusava-se a passear como era de costume em Luanda. Nas palavras do filho: *_ A mãe parece mesmo um bicho do mato! Por quê que nunca sai de casa? [...] Lá em Angola, passava a vida nos mercados, aqui, onde há de tudo, nada! Fica encafuada em casa...*(MELO, 2007, p. 70). “Onde há de tudo” figura um país de farturas e de uma felicidade que só poderia ser lá encontrada. Ainda, conforme o pensamento do filho, falar inglês seria determinante para se obter o crédito de um cidadão que acompanha o mundo : *[...] Hoje, quem não fala inglês pode ser considerado um autêntico suicida!...*(MELO, 2007, p. 71).

Já, em **Violência**, nos deparamos com o personagem “Homem Aranha”, – ícone das histórias em quadrinhos - personagem que simboliza uma bondade e generosidade, através de seu comportamento de herói humanitário. Sob este viés, os “miúdos” que vagueiam nas ruas comparam-se ao herói de histórias infantis que, através de uma marginalidade virtual, desvendam as nuances da pobreza existente em Luanda, em virtude da pobreza em uma nação que ainda respira o ar das revoluções e da guerra civil, obrigando-se a furtar para poder comer: *[...] falsos vendedores de rua que por ali flanavam para se debruçarem agilmente, como se fossem o Homem Aranha sobre as janelas abertas dos veículos conduzidos em*

particular por mulheres [...] (MELO, 2007, p.47). Sob a metáfora do “Homem Aranha”, os pequenos meninos estigmatizados pela extremada miséria fomentam a discriminação que “abraça” Luanda em seu aspecto marginalizado, de uma condição que não alimenta maldade, mas sim, a busca pela sobrevivência humana.

Podemos dizer que as duas narrativas dialogam em seu substrato ideológico, ou seja, de mostrar que a violência pode ser representada de diversas formas, sejam elas físicas ou psicológicas, sendo a discriminação racial e social, por sua vez, intensificadas nos dois contos. O que contribui para o que temos dito, até então, são as palavras de Yves Michaud (1989) ao afirmar que a violência pode ser expressar de várias formas, sejam elas de integridade física ou moral, ou em situações simbólicas e culturais.

Há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p.13)

Repousa, nestes dois enredos, uma violência que vigora sob dois pontos de vista, ou seja, assume duas representações que logo veremos. O escritor angolano apresenta Dona Magui, desde o início do conto, como uma mulher aterrorizada por uma violência, digamos que escondida e elevada ao ar de mistério até o prólogo do texto. Magui não sai às ruas e, se anda pela cidade, disfarça-se com uma peruca loira, fato que origina a estranheza do comportamento da senhora luandense. Sobre a baixa cidade de Luanda, sublinhamos as palavras de Melo no conto:

Luanda, uma velha cidade africana com mais de quatrocentos anos, mas que muita gente confunde com a Uganda, está longe de ser um dos pontos do globo mais violento e problemático, em termos de segurança urbana (MELO, 2007, p. 45).

Para tanto, o autor vai, aos poucos, dando indícios do motivo do medo de Magui e, complementando o ensejo, Melo constrói o diálogo com o leitor, freqüente em tantos outros de seus textos. Vejamos: *Tenho plena consciência de que aquilo que os leitores querem saber é por que razão Dona Magui tinha deixado de sair de casa, com pavor da violência, se praticamente, ela não a sentia* (MELO, 2007, p. 47). O texto, conquanto, nos direciona à profundeza do medo de Dona Magui, conjugado ao dizer que: *Os mistérios mais terríveis e bem guardados quase sempre ocultam outros ainda mais assombrosos* (MELO, 2007, p. 50).

Se não sentia a violência na rua, onde mais poderia ser? Esclarecemos pois, o que, de fato, ocorre. Na casa onde morava Magui e a afilhada, Sandrinha, residia um homem, ex “chulo” da protagonista em seu passado libertino, enquanto prostituta. Passando a enlouquecer pelas ameaças do homem que passava ali a ambientar, Magui obriga-se a usar a peruca loira e a dormir com ele. Às vésperas do fim do conto, o delito, o assassinato do estranho homem se sucede. Ao relatar o medo de Dona Magui e o crime cometido, Sandrinha assim se expressa:

A minha madrinha começou a ficar avairada da cabeça, mas dizia-me sempre para eu ter cuidado, para nunca ficar sozinha em casa com ele...Até que tudo aconteceu naquela noite! [...] Eu estava a dormir no meu quarto, quando o senti a meter-se na minha cama, antes que tivesse tido tempo de gritar, [...] com uma faca de cozinha, ele nem resistiu, sabe? Também, a minha madrinha deu-lhe dezassete golpes (MELO, 2007, p. 51).

A partir deste acontecimento, julgamos ser o medo de Magui, a respeito da violência, um temor encoberto que lhe obrigada a abjurar e a renunciar a si mesma, como um tortura psicológica contra sua civilidade, moral e direito humano de liberdade, coibida pela violência, oriunda das ameaças do antigo e presente amante. Afora isso, uma identidade é negada através do uso da peruca loira. Por mais absurdo que isso nos pareça o disfarce, através do uso da peruca, é o que dá prazer ao amante, ou seja, ela só dormiria e esbaldava-se de seu corpo, se o cabelo loiro assim se mostrasse. Se pensarmos numa projeção abstrata, o que pode estar sugerindo João Melo é o diálogo entre o tempo pós-moderno e o moderno, ressaltado pelos “cabelos loiros”: Marilyn Monroe, atriz e celebridade norte-americana do século XX, afamada por seus cabelos loiros e sua singular sensualidade. Outrossim, a boneca Barbie, criada na América, tornou-se um ícone para as meninas em virtude de suas madeixas loiríssimas.

Tendo em vista que a modernidade está disposta a ter identidades fragmentadas, identidades sob vários ângulos e que o homem encontra-se em constante busca de si mesmo, na interação com seu próprio “eu” e o mundo que o rodeia, Stuart Hall articula seu pensamento sobre, dizendo que: *O sujeito ainda tem o núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem* (HALL, 2005, p. 11)

Neste sentido, a protagonista luandense se vê entremeio à subserviência diante o uso de seu corpo e, conseqüentemente, diante ao preconceito racial, fruto de uma ideologia européia, da supremacia das pessoas de pele branca, denotado pela peruca. O prazer, que o amante pode ter no leito, apenas é possível se Magui representar uma mulher de madeixas loiras, como se fosse uma boneca humana.

Assim sendo, a personagem se encontra em duas dimensões subjetivas e físicas, a de negra angolana e a de possível européia de cabelos loiros e branca, fatores que geram o renegar de sua identidade, aqui, em fragmento.

Ao contrário de Dona Magui, Dona Augusta afirma e reafirma sua identidade e cultura africana, através do desdém proferido à professora de inglês arranjada pelo filho e, conseqüentemente, a renúncia ao aprendizado da língua americana. Conversando em inglês com Dona Augusta, no intuito de que a aluna se acostumassem com a língua inglesa, Miss Jennifer é surpreendida com a negação da personagem luandense em abdicar de sua língua materna: [...] *Dona Augusta escolheu um sofá ao lado dela e continuou a falar com ela em umbundu, sem parar, impedindo-a de pensar* (MELO, 2007, p. 73). Vemos aqui que, de forma alguma, Dona Augusta aceita renegar suas raízes e sua identidade negra e de nativa africana, ao contrário de Dona Magui, que se obriga a abandonar sua identidade em virtude do medo e da sujeição.

O racismo é o fator desencadeador do conto, caracterizado pelo comportamento de Miss Jennifer, professora de inglês americana. Ao questionar sobre o casamento entre Clarinha e o filho de Dona Augusta, a professora exprime um julgo desprezível e racista: *— Lá em Angola, vocês, pretos, casam com brancos? Dona Augusta olhou com tal estranheza para a professora de inglês, que esta experimentou um arrepio na coluna* (MELO, 2007, p. 72).

O autor, conforme exposto em **Violência**, constrói seu desdobramento intertextual ao trazer ao conto a escritora negra americana, Toni Morrison, autora de textos que denunciavam a condição subalterna e árdua das mulheres negras no período colonial americano, fator que se endossa o racismo e o preconceito cristalizado no conto: [...] *Dona Augusta teve uma longa conversa com o espírito de*

Toni Morrison, que a visitou enquanto ela dormia, ainda com a imagem e as perguntas de Miss Jennifer no subconsciente. “Ser branco é uma construção, uma invenção dos homens – e ser preto também” (MELO, 2007, p. 73). A presente passagem realça uma doutrina análoga, diante as concepções de Morrison entre negros e brancos, termos considerados pela escritora americana como um modismo criado na mente dos homens. Eis, de fato, uma forma de violência que se expressa através do racismo declarado no texto.

N^o **A beleza americana** o substrato fundamental se dá em torno da discriminação da cultura, primitividade e cor negra, fatores tidos como disforme numa sociedade globalizada.

Assim como Magui, em **Violência**, Dona Augusta adquire traços que a afeiçoam enquanto sujeito em fragmento. João Melo conjuga essa idéia: *diria que ela era um desses seres sem forma, sem cor e sem cheiro, para já não falar do coração, do estômago, do fígado e outros órgãos, típicos da pós-modernidade. Não o faço, porém, pois eu gosto dela* (MELO, 2007, p. 72).

Em conformidade com o fragmento extraído do conto, Augusta assume essa identidade e vida em fragmento, por mais esforço que fizesse para “proteger” sua natividade negra. Ela se move de um lugar para outro, encontra-se entremeio a uma realidade que não é a sua, depara-se com indivíduos que lhe são estranhos em comportamento e atitudes que se pensam ser superiores, enfim, um ser “típico da pós-modernidade” que procura se encontrar.

Ao término do texto, Melo parodia, de certa forma, o *apartheid* em relação à sociedade americana, com perspicácia e em tom sarcástico, ao dizer: *Os Estados Unidos são o apartheid que deu certo!* (MELO, 2007, p. 74). A minoria branca

estaria, a partir desse argumento, em posição superior a comunidade negra como, de fato, ocorreu no *apartheid* na África do Sul.

Tornou-se possível pôr em diálogo dois textos, no âmbito comparatista, de enredos diferentes, mas de similitudes que contribuíram para que eles fossem “costurados” e afunilados na mesma conjuntura denunciada e exposta pelo escritor angolano, João Melo. O autor nos trouxe “à baila” temas sociais e políticos que consternam o mundo contemporâneo, especialmente as comunidades negras de Angola que tanto sofreram com a colonização, o racismo e o contexto desumano que os fez renegarem a própria existência e sua identidade.

Assim, nos foi capaz comparar os dois contos ficcionais que, por mais dessemelhantes que fossem em seu enredo, nos mostraram estar em compasso na tangente da violência humana multifacetada e do ser humano que se fragmenta, luta para defender suas raízes africanas, sua negritude, mas que por circunstâncias diversas obrigam-se a ser abdicadas em prol do acompanhamento de um mundo em constante mutação.

REFERÊNCIAS

- GEHLEN, Rejane Seitenfuss. **Angola sob a contística pós-colonial de João Melo**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Frederico Westphalen: Ed. URI, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Dá diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MELO, João. **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida.** Lisboa: Caminho, 2007.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática S.A., 1989.

MITIDIERI, André Luis. **Comer a marreca e pagar o pato:** narrativas angolanas de João Melo. In: *Redes & Capulanas:* Identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2009.

SAMUEL, Roger. **Novo manual de teoria literária.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.